

Resumos

Sessão 3. Práticas Semióticas

Discurso de divulgação religiosa: semiótica e retórica

Sueli Maria Ramos da Silva (UNINCOR – MG)

Amparados no desenvolvimento da noção semiótica de estilo com a operacionalização da noção de *éthos* proposta por Discini (2004), buscamos evidenciar nosso ponto de vista que procura expandir os desenvolvimentos ora apresentados, mediante a proposição de uma revitalização da retórica, associando-a ao ponto de vista tensivo da semiótica. Nessa direção, procuramos agregar a noção de estilo enquanto *éthos*, tom de voz, caráter e corporalidade depreensível de uma totalidade de discursos (Discini, 2004b) ao ponto de vista tensivo proposto por Zilberberg (2006) em referência às noções de estilo ascendente e descendente estabelecidas pelo autor. Pretendemos, delinear de forma mais abrangente o modo de presença dos enunciados enfeixados pelo discurso de divulgação religiosa e, por conseguinte, pelo próprio discurso religioso. A partir da observação das recorrências dos mecanismos de construção do sentido dos enunciados reunidos nesta pesquisa, procuramos estabelecer uma distinção entre os três níveis de práticas no que concerne ao discurso religioso: a) discurso fundador; b) discurso de fidelização religiosa; e c) discurso de divulgação religiosa. Propomos delinear uma tipologia dos discursos de divulgação religiosa, relacionando-a aos diferentes modos segundo os quais se processualiza o paradigma da crença preconizado por Zilberberg (2006). Destacamos o caráter inovador da tipologia proposta, na medida em que a realizamos tendo por princípio o enunciatário almejado por tais discursos. Procedemos, assim, à apresentação dos resultados propostos em nosso doutorado, concernentes ao estabelecimento de cinco cenas enunciativas diferenciadas: a) divulgação religiosa especializada; b) divulgação religiosa instrucional; c) discurso de conversão social; d) divulgação religiosa propagandista; e) divulgação religiosa midiática. Nosso trabalho espera contribuir com as perspectivas contemporâneas de retorno em direção à retórica mediante o estudo dos discursos de fundação, de fidelização e de divulgação religiosa, com o exame da própria esfera de circulação do sentido religioso, tais como enunciado, enunciação, *éthos*, estilo e aspecto.

(prof.sueli.silva@unincor.edu.br)

O ensino de língua inglesa enquanto prática semiótica

Luiz Carlos Pedrosa Torelli (UNESP - SP)

O presente trabalho, que faz parte de uma pesquisa de mestrado em andamento, tem como objetivo analisar semioticamente o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa como idioma estrangeiro em ambiente formal de educação. Tomando como referencial teórico norteador a semiótica greimasiana, este trabalho apresentará uma aplicação de seus principais conceitos à cena prática da sala de aula, explicitando o papel desempenhado por seus vários actantes: manuais de língua inglesa, professores e alunos. Considerando-se implícita a instauração de um contrato entre enunciador e enunciatário, no qual os aprendizes, modalizados no âmbito do querer ou do dever, devem sempre aceitar como verdadeiras as prescrições que lhes são passadas, verifica-se que o professor, investido por um saber fazer, assume sua existência institucional e exerce a função de coenunciador, capaz de legitimar os conteúdos apresentados pelos materiais didáticos, visando, com isso, otimizar a transferência de uma determinada competência aos alunos, o que lhes permitiria, por implicação, entrar em conjunção com o objeto de valor posto em cena, a aquisição da língua inglesa. Assim sendo, as imagens do enunciador e do enunciatário, enquanto construções discursivas, serão investigadas, evidenciando as principais estratégias persuasivas subjacentes ao discurso didático. Pela análise das projeções enunciativas e das imagens presentes nos manuais, constata-se a existência de isotopias que configuram verdadeiros percursos temáticos e figurativos que revelam, por sua vez, quais são os valores selecionados por esse tipo de material, ferramenta axiológica por excelência do campo educacional. Por fim, o que se observa é a apresentação altamente eufórica do objeto de valor e a constante reiteração de seus supostos atributos, num mecanismo sutil de criação de perfis e imagens idealizadas do falante de inglês.

(torelli87@yahoo.com.br)

Uma descrição das marcas de tempo em uma narrativa em libras

Renata Lúcia Moreira (USP – SP)

O objetivo deste trabalho é apresentar um levantamento e uma descrição das marcas de tempo de uma narrativa, contada em língua de sinais brasileira (libras), no âmbito da teoria da enunciação (Benveniste, 1976 e Fiorin, 2002) e da teoria semiótica de linha francesa, desenvolvida por Greimas e seguidores.

Esta pesquisa parte de um estudo piloto que permitiu levantar hipóteses sobre instauração de tempo na libras. A proposta desse estudo foi analisar os recursos espaciais, gestuais e verbais que são responsáveis por estabelecer, no texto, as relações de concomitância e não concomitância do narrado com o momento da enunciação. A narrativa analisada, “História do Gibi”, foi contada por um surdo fluente em libras e eliciada a partir de uma história em quadrinhos sem fala. Os dados dessa narrativa foram transcritos em um *software* chamado ELAN (EUDICO Language Annotator), que permite a sincronização das imagens de vídeo com as anotações de glosa e demais observações sobre as narrativas. A transcrição foi feita com base no modelo de transcrição proposto em McCleary, Viotti & Leite (2010). Este estudo corrobora a ideia de que a libras possui uma gramática que envolve aspectos linguísticos e gestuais e que, por não possuir desinências verbais de tempo, utiliza, além de advérbios (recursos lexicais), recursos e estratégias discursivas próprias de sua modalidade linguística para expressar os sentidos, construir seus enunciados, realizar dêixis e estabelecer sua dêixis temporal. As debreagens ou embreagens dessa língua natural, portanto, contam com formas diferentes de realização. A hipótese que vem sendo investigada por este trabalho é a de que a marcação do tempo do texto analisado se faz tanto por meio de um sinal de tempo (marcação lexical) como também por meio da direção do olhar e do movimento do corpo do sinalizador, que parecem estar relacionados à instauração da pessoa e aos diferentes usos do espaço na sinalização da história.

(reka@usp.br)